

VISÃO DO CORREIO

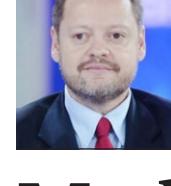
Consumo consciente precisa ser meta para o novo ano

Mal os ecos das celebrações natalinas se dissipam, a sociedade brasileira é rapidamente impelida para o próximo ciclo de expectativas: a virada de ano. Entre os brindes de esperança e as promessas de renovação, uma realidade mais árida se impõe nos bastidores das famílias: fatura do cartão de crédito. Celebrações à parte (a melhor parte, aliás), o ciclo do consumismo transforma a alegria das festividades em uma "ressaca financeira" prolongada.

Nesse sentido, é preciso que as resoluções de ano novo extrapolem a perda de peso ou a mudança de hábitos de lazer. O "consumo consciente" precisa deixar de ser um termo distante e se tornar uma prática de sobrevivência doméstica. Além dos benefícios individuais, há o impacto coletivo, considerando que o conceito tem uma preocupação também com a mitigação de danos ambientais.

A transição de dezembro para janeiro marca o encontro do desejo com a realidade. Enquanto o primeiro é o mês do bônus e do 13º salário, o segundo chega acompanhado de siglas conhecidas e temidas: IPVA, IPTU e as despesas escolares. A economia da virada dos calendários exige, mais do que nunca, equilíbrio.

Planejar os gastos de janeiro com antecedência e priorizar o pagamento das contas fixas sobre os desejos supérfluos é o primeiro passo para garantir que o "Félix Ano Novo" não seja apenas uma frase protocolar, mas uma realidade financeira para os próximos 12 meses.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Medo sob os pilotis

O crime ocorrido na 411 Norte, na madrugada do sábado passado, não é um episódio isolado nem um ponto fora da curva. Ele sintetiza, de forma brutal, a sensação crescente de insegurança que hoje permeia a Asa Norte. Ainda que estatísticas oficiais apontem oscilações ou até quedas em determinados indicadores, como costumam enfatizar os responsáveis pelo policiamento na região, o cotidiano dos moradores conta outra história. A violência deixou de ser exceção e passou a integrar a paisagem urbana, moldando hábitos, restringindo deslocamentos e corroendo a confiança no espaço público.

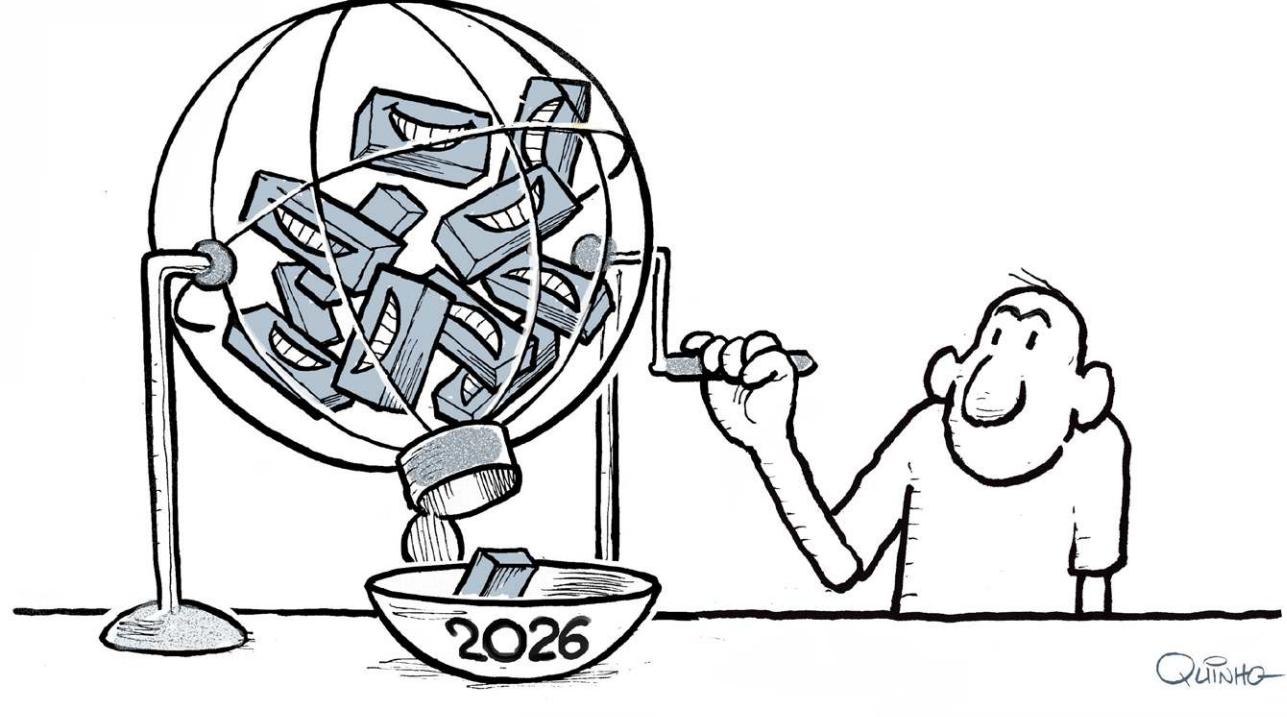
O estupro seguido de tentativa de feminicídio, praticado sob os pilotis de um prédio residencial e gravado pelo sistema de vigilância eletrônica, expõe fragilidades que vão muito além da ação individual de um agressor. A violência durou cerca de 15 minutos, em plena madrugada, cercada por apartamentos ocupados. Ainda assim, a vítima enfrentou o que se pode chamar de um grito no vácuo: pessoas perceberam a agressão, fecharam janelas e a ajuda só chegou horas depois. Não se trata aqui de distribuir culpas morais, mas de reconhecer um ambiente urbano que normalizou o medo e a omissão como mecanismos de autoproteção.

A sensação de insegurança existente hoje na Asa Norte é resultado de um conjunto de fatores que se acumulam há anos. A iluminação pública precária, como evidenciado recentemente na 304, que passou uma noite completamente às escuras nesta semana, cria zonas de sombra que favorecem crimes e inibe a circulação. O crescimento visível da população em situação de rua, sem políticas consistentes de acolhimento, acompanhamento e reinserção

social, transformou áreas residenciais em territórios de tensão permanente. Barracas de lona improvisadas ao longo da L2 e da L4, carrinhos de supermercado abandonados, lixo revirado sob os pilotis e condomínios obrigados a trancar portões são sinais claros de uma desordem que não é apenas estética, mas também social e sanitária.

A convivência cotidiana com abordagens cada vez mais ríspidas de flanelinhas e pedentes, somada ao receio de caminhar à noite ou estacionar em determinados pontos, revela uma perda progressiva do direito básico à cidade. Como contei aqui nesse espaço três semanas atrás, empresários de uma das quadras mais badaladas da região, a 413, precisaram recorrer à segurança privada armada na porta dos estabelecimentos para conseguir manter os clientes. A Asa Norte, historicamente concebida como espaço de integração, circulação e vida comunitária, vê-se fragmentada por bôsbolos de medo e desconfiança.

Há, ainda, um elo frequentemente ignorado nesse debate: o sucateamento dos serviços de saúde mental, assistência social e políticas de cuidado continuado. A população em situação de rua não surge do nada, tampouco desaparece por decreto ou ação policial pontual. A ausência de respostas estruturadas e permanentes produz um ciclo de vulnerabilidade que atinge tanto quem vive nas ruas quanto quem mora ao redor delas. Segurança pública não se resume a prisões e policiamento ostensivo, mas exige coordenação entre iluminação urbana, zeladoria, assistência social e presença do Estado de forma contínua e eficaz. E o caminho a ser percorrido é longe, sem soluções imediatistas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Crise ambiental

Em clima de comemorações natalinas e de virada de ano, afigura-me o quão próximos estamos de inevitáveis impactos na natureza do planeta. A maior parte da população humana não se dá conta plenamente da iminente onda de crises planetárias envolvendo o ambiente natural, que resultará em dificuldades inimagináveis para todos, sem exceção. Podemos dizer isso considerando a falta de atitudes e providências efetivas. Estamos esperando acontecer cada etapa para, tarde, fazermos alguma coisa. Nos é mostrado intensamente, no noticiário e pela ciência, o rumo terrível que tomamos, agora totalmente previsível sem grandes esforços. E continuamos esperando impassíveis, como se essas coisas pudessem continuar sendo adiadas indefinidamente. Trabalhando a terra, sendo amigos dela, respeitando os reinos mineral, vegetal e animal, podemos constatar como a natureza nos retribui com fartura. No entanto, cavando as suas entradas, em busca de riquezas materiais, sem sustentabilidade, estamos cavando nossos túmulos.

Natal, mais que festas, é tempo de renascer para a vida universal,

com espírito novo, novas ideias e comportamentos. Que cada um faça a sua parte, por menor que seja. A soma importa!

» Humberto Pellizzaro

Asa Norte

Eleição 1

O circo chamado eleição já está sendo montado para 2026. Vamos apresentar as atrações: impunidade, corrupção, INSS, Master. Vai ter carnarote e poleiro. Vamos assistir ao espetáculo respeitável público, apresento-lhes os mágicos: mensalão, petróleo e lava-jato. É tudo enrolação e palhaçada, o legítimo engodo e utopia. Infelizmente, parte da sociedade é coadjuvante do circo sem futuro, pois o leão, por meio do seu domador, comeu a plateia. A política do pão com mortadela (Bolsa Família, Vale-Gás etc.) e circo, utilizada na Roma antiga, continua muito atual hoje em dia. Décadas se passaram após a redemocratização. Será que os leões dos circos抗igos deram lugar para os jabutis dos políticos ilusionistas e mudaram a cena do picadeiro? O circo é o mesmo, só mudam os palhaços e malabaristas. Será que a lona do circo vai cair?

» Renato Mendes Prestes

Águas Claras

Eleição 2

Durante anos, a extrema-direita tentou, em vão, apagar o legado do presidente Lula, o único na história a conquistar três

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Ainda não terminou 2025, e o GDF já autorizou ponto facultativo em 2 de janeiro próximo. Como gosta de enfocar a segunda ou sexta-feira. Vamos trabalhar, gente!

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

O governo e os membros do Judiciário deveriam ser responsabilizados por liberarem os detentos no saído que cometem crimes.

Os bandidos são soltos, e os cidadãos de bem ficam presos na sua casa.

Dora Rossetto — Brasília

Universidades têm corte no orçamento. Que falta de educação!

Abrahão F. do Nascimento

— Águas Claras

mandatos e, diante do atual cenário de reconstrução, o favorito para um quarto mandato. Essa longevidade incomoda, especialmente aos seguidores daquele que hoje responde perante a Justiça; aquele que, em sua gestão, trouxe à tona o que há de mais obscuro na condição humana. Recordar o período do 'inelegível' é revisitar um capítulo de degradação nacional. Enfrentamos quatro anos sob um governo marcado pela misoginia, pelo racismo e pelo autoritarismo, liderado por uma figura negacionista, avessa ao meio ambiente e, acima de tudo, covarde. Embora tenha deixado um rastro de podridão que ninguém deveria seguir, ele ainda mobiliza uma base que, paradoxalmente, agora clama pelo esquecimento da esquerda para evitar o julgamento da história.

» Gilberto Tiriba
Santos (SP)

Estagnação

Os R\$ 488 milhões a menos nas universidades significam pesquisa interrompida, laboratórios fechados e sonhos adiados. Enquanto o mundo investe em conhecimento, nós seguimos cortando onde mais faz falta, fazendo com que o Brasil se afaste da inovação e se aproxime da estagnação.

» Pacelli M. Zahler
Sudoeste

Lei do silêncio

A falta de bom senso na aplicação da chamada Lei do Silêncio traz enormes prejuízos para o comércio noturno. Todo o "ecossistema" de bares, pizzarias, restaurantes e lanchonetes de suporte são prejudicados. Antigos locais movimentados, agora, estão com placas de aluga-se etc.

» Marcos Figueira
Sudoeste

América Latina

As oligarquias sempre governaram a América Latina ao longo da história, exceto por alguns mandatos de governos progressistas. Não há o que dizer de positivo no recrudescimento dessa governança ultraconservadora. Eles provocaram a subserviência às potências, sobretudo aos Estados Unidos e aos países centrais. O resultado? Regimes fantoches e tirânicos, opressão, atraso e pobreza. Governos que primam pelo multilateralismo e independência nas relações internacionais são duramente combatidos por essa pútrida e hematófica oligarquia. O tempo revelará!

» Antônio Carlos Rodrigues
Araguari (MG)

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ará
E se mais mundo houvera, lá chegara"

Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 5,00 R\$ 7,00

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

[promocional]

Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 WhatsApp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Correio do Comércio e Indústria (3342-1000) ou (61) 98163045 WhatsApp, para mais informações sobre preços e condições de assinatura, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empréstimo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação só sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp

Publicidade: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varella, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rua Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp.

ANJ ANJ
Associação Nacional de Jornais

Endereço na internet: <http://www.correioweb.com.br>

Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press.

Tel: (61) 3214-1131

DÍARIOS ASSOCIADOS D.A.P.

D.A. Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias;

SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;

de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:

Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h;

sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h.

Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.

E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br